

contra ventos e mares

A «PEQUENA UNIVERSIDADE» DE ONTEM

Por RAUL REGO

A Universidade do Minho a cujo lançamento da primeira pedra do novo edifício nos referimos há semanas, estava a pedir uma monografia feita por erudito que escrevesse para todos e não apenas para outros eruditos como ele. As gentes de Braga e Guimarães, que dividiram entre elas as faculdades e os cursos, em nosso tempo, mal se terão talvez apercebido que mais não faziam do que seguir as tradições:

E o tradicionalismo da região? Talvez: mas não sempre as tradições significam imobilismo. Não significam mesmo imobilismo, mas simplesmente o seguimento da herança recebida e sua actualização. O solo, o clima, todas as condições geográficas e humanas se impõem em todos os sectores e quadrantes da vida, e a dualidade Braga-Guimarães bem o tem demonstrado.

Na altura em que, na Renascença, em Braga, ensinavam mestres como Cienardo, em Guimarães, naquela admirável encosta da Penha, havia a que chamaram de «pequena universidade» para onde foram enviados a estudar até os infantes D. Duarte e D. António, o Prior do Crato. O Minho que o vira jovem estudante, havia depois de o esconder a um recanto ou noutro, em palácios ou portais; quando os esbirros de Filipe II o buscavam por toda a parte. Tornara-se então na última esperança da independência e até o prelado de Braga, aquele santo homem que foi a Trento, optara pelo príncipe estrangeiro. Diga-se também que esp a altura em que os

drocos se distribuíam entre os príncipes como se distribuíam as quintas e os alforjes de ouro.

A Universidade do Minho tem a sua Reitoria nesse belo conjunto que foi o Paço dos Arcebispos, onde a tradição resumida ainda mais forte do que a água que corre da grande bica do seivreiro, onde muitas vezes se terão desdentado cavalos, mulas e lacaios dos arcebispos e dos grandes que o procuravam. E um ciclo de séculos atrás; mas as aulas, arquivos, laboratórios, bibliotecas, essas irão nascer de raiz na fêmeira da cidade. Em Guimarães, um palácio central que foi de gente de grande alcurnia também, abriga os alunos que irão alimentar depois fábricas e oficinas de toda esta região. Mas a velha Universidade, onde o Prior do Crato parece ter tomado grau e que irá ser transferida em breve, com seu reitor de Diogo de Murça, com seus mestres e seus alunos para Coimbra.

Em 1550 que frei Diogo de Murça, já reitor em Coimbra, propõe a reunião de mestres e estudantes, com as respectivas rendas, sobretudo de uma fazenda de Refeitos, num total de «trezentos e setenta e cinco mil reais para vinte e cinco colégios e pagar três mestres de Gramática e os das Artes e dois de Teologia». E isso porque «tudo mudou, tanto que vieram as letras da união de Refeitos porque não houve mais lente no colégio». Como se vê no excelente volume do prof. Moreira de Sá sobre «A Universidade de Guimarães no século XVI», os alunos concentravam-se onde encontravam os mestres verdadeiros. E não será hoje ainda assim? Os que buscam as especializações não optam quase sempre pelas escolas onde se encontra este ou aquele professor, onde têm os meios de investigação e a Direcção de confiança.

Desses vinte e cinco colégios aos milhares de alunos da Universidade do Minho de hoje vai uma distância grande. E na pequena Universidade, na «Universidade incompleta», de há 400 anos, instalou-se agora a magalhã Pousada da Costa. Do meio da encosta, ela como que se espantava perante todo o vale de Guimarães e arredores. É uma universidade também a seu modo, onde se pratica a arte de bem receber, e os quantos, que foram do doutor Pedro Margalho, do mestre Inácio de Moraes, do mesmo frei Diogo de Murça, ou dos infantes, filhos e netos do rei piedoso, de outros estudantes a deixarem nome nas letras como frei Heitor Pinto, Ilmos, escarolados, adaptados à comodidade do nosso tempo; abrigam hoje homens de grosso trato dos países do Norte, da América, que aqui vêm estabelecer contacto com as indústrias da região.

Pelas paredes dos corredores e dos salões, há painéis de azulejos magníficos e ao dependuro se encontram retratos de cavaleiros, frades, varões, donas, com caras de pudibundas ou casquilhas, estes machucados de rosto golpeado e aquele um velho bom-serão que nunca siguro punho para ninguém. A «Universidade incompleta» serve de pouso a gentes multivárias vindas dos quatro pontos cardeais. E se a universidade é a análise do universo, não será também uma forma de fazer essa análise conhecendo as pessoas de qualquer das partes do mesmo universo, falando com elas, estabelecendo negócios com as suas empresas. Os negócios são uma das formas mais efectivas de estabelecer e solidificar as relações entre povos e continentes.

Essa Universidade de Braga-Guimarães nasceu como ele entre os dois agregados populacionais. D. Diogo de Sousa cria um colégio em Braga, nos contornos do século

XVI para o qual o rei D. Manuel se compromete a mandar nove colégios; e em 1527 é o arcebispo de Braga que diz a D. João III, o qual vai enviar estudantes para Paris, a fim de estudarem Teologia e pede dinheiro ao arcebispo; mas este responde da intenção de fundar o colégio que vivera. «Veio o imigo e sobre esta boa semente semeou sizaiana». Como quem diz que seria muito melhor levar por diante a fundação de colégios entre nós do que mandar lá fora as gentes aprender. Com o feitor D. Diogo de Sousa criou o estatuto e Colégio de S. Paulo, em 1532, em Braga. Quase ao mesmo tempo, em 1512, era a Câmara de Guimarães que instava com D. Manuel para a fundação de um colégio; e em 1516, o duque de Bragança pede para o Mosteiro da Costa passar para a Ordem de S. Jerónimo, como passara em 1626.

Como se vê, o paralelismo entre a Universidade do Minho de hoje, a construir os seus edifícios e distribuindo-se entre Braga e Guimarães, com os colégios da primeira metade do século XVI, em que se educaram príncipes e notáveis das letras, é inteiro. Não se fala hoje dos Cienardos ou freires Diogo de Murça, nem dos príncipes D. Duarte ou D. António, nem dos arcebispos D. Diogo de Sousa ou dos freires Bartolomeu dos Mártires, nem tem que se falar. O grande avanço dos últimos séculos foi em prol da igualdade não apenas das cidades e das regiões, mas dos mesmo países; e, dentro deles, foi em prol da igualdade dos homens. A grande diferença entre essas universidades de reis e arcebispos e a actual Universidade do Minho é da abertura desta não só aos filhos de algo, mas a quantos mostrem capacidade para irem mais além, sem por isso constituírem nova classe.

Vimos o arcebispo benzer a primeira pedra do novo edifício da Universidade do Minho. É a tradição e a simbologia que se mantém. Mas essa «Universidade incompleta», em Braga e Guimarães, segue a sua finalidade, seleccionar os homens segundo os seus conhecimentos e proporcionar a todos a possibilidade de ir mais além, segundo as suas capacidades. É o grande instrumento ao serviço da comunidade. É a grande Universidade de hoje.

Dia	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31

Universidade - o praia